

Educação (de Adultos), para que vos quero?

Num mundo globalizado e em mudança acelerada, sobre o tema “a educação de Adultos em Portugal” muito haveria a dizer. Mas talvez me falte o engenho ou a arte para o fazer. Por isso, deixo essa tarefa a cargo da competência dos restantes oradores. Vou, por agora, limitar-me a referir alguns aspetos que decorrem da minha experiência enquanto professor do ensino diurno e noturno, e também como diretor da Escola Secundária de Camões.

Os dados que correspondem ao défice das qualificações da população ativa em Portugal são conhecidos. E os números não enganam. O que nos mostram, constitui um indesmentível drama. Em Portugal, 62% das pessoas entre os 25 e os 64 anos não concluíram o ensino secundário. Esse indicador bastou para que os peritos da OCDE apresentassem como um dos principais desafios para o País, o aumento da oferta e da qualidade da educação de adultos e também, a melhoria da qualidade e aumento da equidade na educação em geral.

“Aumentar a oferta e a qualidade da educação de adultos em Portugal, em especial para os adultos pouco qualificados”, (...) contribuirá para uma maior produtividade, para incrementar a empregabilidade e ainda para melhorar a capacidade de adaptação a ambientes de trabalho em rápida mutação”, refere a OCDE no relatório de diagnóstico “Estratégia de Competências para Portugal”.

Num País como o nosso, na cauda da Europa em termos económicos, desperdiçar o capital de experiência acumulada que cada adulto transporta consigo é luxo a que não nos podemos permitir. Para contrariar este desperdício, é necessário dar a essa experiência acumulada ao longo da vida um enquadramento formativo adequado. Mais do que um imperativo económico, trata-se de um imperativo que diz respeito ao reconhecimento da dignidade humana. É à escola que cabe esse papel. Se o cumprir, não servirá apenas de arma de arremesso contra o défice das qualificações dos adultos, mas permitirá também devolver a esperança a milhares de adultos que anseiam antes do mais por uma nova oportunidade para se libertarem do ciclo de fatalidade que os empurra para a precariedade, para o desemprego temporário ou duradouro, para a pobreza ou mesmo para a exclusão social.

Certamente teremos de reinventar um novo modelo de educação para adultos não tão colado ao modelo escolar. Mas, para o fazer, temos que nos deixar inquietar verdadeiramente pela questão que formulei de um modo simples: Educação (de Adultos), para que vos quero? Esta semana, a Escola Secundária de Camões, está a recordar o

professor e pedagogo, Mário Dionísio, cujas interrogações no pós 25 de abril de 74 inspiraram a minha interrogação inicial “Educação (de Adultos), para que vos quero?”, e passo a citar:

“Podemos manter a “escola” à parte da nossa própria aventura, num universo impermeável à constante recriação que em nós mesmos operamos, nos nossos laboratórios ou nos nossos ateliers, nas nossas ruas? Poderemos, sobretudo, aproveitar para esse universo imaginário partes isoladas da batalha e da conquista que se processa nos nossos laboratórios, nos nossos ateliers, nas nossas ruas, rejeitando as alterações globais que elas implicam? Isto é poderemos não ceder? E poderemos ceder sem ceder até ao fim?”

Há 24 anos, quando cheguei à Escola Secundária de Camões, o ensino noturno tinha o mesmo número de alunos que o ensino diurno (cerca de 1500) e desde aí tem havido uma quebra na procura do ensino noturno. O que justifica esta quebra não sei, mas houve com certeza uma alteração das motivações para a procura deste tipo de ensino e conseqüentemente da correspondente oferta. Na altura, a maioria dos adultos pretendia concluir o secundário com o objetivo de prosseguir estudos no ensino superior. Hoje a procura é mais diversificada, há alunos que pretendem ficar apenas com o 12.º ano, outros que pretendem uma certificação de caráter profissional, e continua a haver igualmente os que pretendem prosseguir estudos e ingressar na faculdade. Na nossa Escola existe uma oferta formativa diversificada que pretende abranger todas estas necessidades. Para além do ensino secundário recorrente presencial e não presencial, abrimos este ano o ESRaD (ensino secundário recorrente à distância), totalizando cerca de 470 alunos. Mas, a nossa oferta formativa percorre ainda outras vias, EFA Básico, com cerca de 80 alunos, EFAs tipos A, B e C, com cerca de 130 alunos e ainda aproximadamente 50 alunos num EFA de Dupla Certificação. Acresce à oferta um Centro Qualifica, destinado a todos os que procuram uma qualificação, tendo em vista o prosseguimento de estudos e/ou uma transição/reconversão para o mercado de trabalho, prevendo este ano a certificação de mais de 200 adultos e ainda cerca de 150 alunos por ano a frequentarem a disciplina Português Para Todos, e, se mais não existe, é porque a tutela decidiu extinguir os cursos de Formação Modular, destinados a pessoas que pretendiam revigorar aprendizagens já feitas ou acrescentar uma mais valia às suas competências.

Posto isto, é clara a grande preocupação e necessidade de dar resposta que continuamos a ter com a educação e a formação de adultos, nomeadamente com o objetivo de oferecer aos alunos oportunidades de obterem uma qualificação mais elevada e aumentarem o seu nível

de escolaridade. Nós não apostamos apenas nas oportunidades dadas aos adultos pouco qualificados, com vista à obtenção de uma qualificação formal mas, também consideramos imprescindível continuar a apostar no Ensino Recorrente no Secundário no sentido de aumentar a participação no ensino superior, de adultos que ingressam neste nível de ensino. Foi nesse pressuposto que decidimos aceitar o desafio da DGE e avançámos com a experiência-piloto do ESRaD, já que se trata de uma modalidade de ensino que, por recorrer às tecnologias da informática e da computação, tem os olhos postos no futuro.

É minha convicção que a nossa opção de não desistirmos, nestes últimos 7 anos, contra uma tutela que tudo fez para que a maioria das Escolas encerrassem pelas 17h, não foi em vão. O nosso contributo pretende que a Escola seja um espaço de vivências enriquecedoras e potenciadoras de escolhas múltiplas com um denominador comum, potenciar uma educação capaz de transformar adultos e valorizá-los como seres humanos e como membros efetivos e reconhecidos na sociedade. A nossa persistência constituiu um contributo valioso para que hoje, ao nível da educação e formação de adultos, a nossa Escola seja uma referência de interesse para decisores políticos, profissionais e todos os interessados em conhecer abordagens eficazes nesta matéria.

Para concluir cito Licínio Lima na Assembleia Geral da Associação Europeia de Educação de Adultos, em Bruxelas, 2014:

“Não será fácil defender uma Educação de Adultos para a transformação democrática e social, deixando de lado alguns dos principais argumentos económicos e empresariais que têm sido utilizados até hoje. Será, porém, absolutamente necessário que as instituições democráticas e os atores políticos compreendam a essência da Educação de Adultos em todas as suas dimensões: a humanização de seres humanos e a sua participação democrática no processo de re-criação do mundo social, incluindo as nossas próprias organizações e atividades educativas.”

João Jaime Pires

18 de novembro 2016

